

RESENHA

O cosmopolitismo do pobre

de Silviano Santiago

*Ana Rosa Lattanzi**

O cosmopolitismo do pobre, de Silviano Santiago, aborda um assunto que tem sido objeto de reflexões e debates nos estudos culturais que envolvem as artes, a política, a economia e as ciências sociais. Assunto que diz respeito às idiossincrasias de uma cultura em que se propõe a significação do *ethos* de uma nação - a brasileira - recheada de diferenças, num momento no qual se busca a afirmação de tantas outras “culturas nacionais” outrora julgadas marginais.

O autor explora o tema em quinze artigos selecionados que foram publicados em jornais de grande circulação, capítulos de livros e nas palestras ministradas em universidades e instituições no Brasil e no exterior, no período de 1991 a 2004. Nesta coletânea publicada pela Editora UFMG, Silviano Santiago expõe de forma clara o tema proposto, na qual analisa minuciosamente o dado cosmopolita, ao mesmo tempo em que dissecar sua opinião com a sutileza de um crítico literário consciente do seu papel social. Entretanto, Santiago não camufla as suas alusões carregadas de reflexão aos ditos e feitos das produções artísticas nacionais.

O livro obedece a uma trajetória crescente. O autor toma o cuidado de não esbarrar em uma construção cronológica óbvia. Quando “não observa” as datas em que foram escritos os seus textos, Silviano Santiago possibilita ao leitor não iniciado no assunto o esclarecimento, de forma crescente, do tema e dos elementos que definem um

cosmopolitismo cultural e democrático. Introduz as suas reflexões ensaísticas e as costura com precisão cirúrgica às idéias de gigantes da tradição literária brasileira: passeia de Joaquim Nabuco a Antonio Candido, de Mário de Andrade a Clarice Lispector. Destaca nestes autores o dilema da identidade nacional problematizada na densidade do processo de se interiorizar o que é próprio do exterior. Da mesma forma revela aquilo que nessa tradição aparece como suplemento da cultura ocidental contemporânea: o “cosmopolitismo do pobre”.

Temas como políticas de globalização e identidade na moderna cultura brasileira, relações entre cosmopolitismo e localismo na literatura e no cinema, a democratização no Brasil e a ascensão da cultura, o rodapé literário e o jornalismo contemporâneo, a leitura como forma de exercício da cidadania, a tradição literária brasileira e sua atualidade são tratados em *O cosmopolitismo do pobre*, ao longo das 252 páginas da coletânea.

No ensaio que abre a obra, *Atração do mundo – políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira*, Silviano Santiago traça o perfil de uma suposta epistemologia da identidade nacional, onde dissectiona os períodos históricos da cultura brasileira e sintetiza: momento eurocêntrico – momento multiculturalista – momento de materialismo histórico – momento de tendências reativas, que estão circunscritos na história, respectivamente, nas primeiras décadas do século XX, quando o Brasil emerge como uma “jovem nação sul-americana”; nos anos 20, com o movimento antropofágico modernista; nos anos 30, com a evidência das políticas nacionalistas de industrialização; e contemporaneamente, com os movimentos de ações afirmativas organizadas pela sociedade civil.

À sequência da construção textual, Santiago introduz o tema que dá nome ao livro: *Cosmopolitismo do pobre*. Traz à tona o assunto da imigração experienciada por cidadãos em busca de nações que oferecem melhores oportunidades e expectativas de, *a priori*, exercício de cidadania. Analisa, a partir de um filme português, a trajetória de dois personagens que viajam de volta ao “começo do mundo”, e, ao mesmo tempo, faz contraponto aos acontecimentos diaspóricos que presenciamos atualmente.

Nas páginas seguintes, Santiago reúne nos ensaios *Uma literatura anfíbia e Outubro retalhado*, as reflexões sobre a literatura nacional como forma de expressão da cultura brasileira, e denuncia criticamente que as produções de arte em face da indústria cultural e política estão dissociadas atualmente do “reconhecimento universal”.

Em *Os bestializados – I & II*, o autor tece uma análise do livro, que leva o mesmo nome do ensaio, escrito pelo cientista político José Murilo de Carvalho. Neste texto, Santiago pretende expor os intentos subtendidos do livro, no qual analisa a apatia do “anônimo e descompromissado carioca durante a inauguração do novo regime”. E, de forma ensaística, pretende ainda “mostrar possíveis brechas e apontar novos direcionamentos”.

Nos textos que seguem, a exemplo de *Literatura e cultura de massa e Intensidades discursivas*, Silviano Santiago propõe uma reflexão sobre os caminhos da arte literária e, por assim dizer, do livro, nesta época informatizada e recheada de concorrentes da era tecnológica. Analisa com lucidez a imposição do estilo de comportamento, arriscamos a dizer, “estilo de vida norte-americano” - uma cultura que se configura como de “massa” -, pulverizada nas telas do cinema, nas letras das músicas, nas revistas em quadrinhos, entre outros produtos culturais direcionados ao grande público

urbano. Aponta criticamente para o que seria consenso entre os intelectuais brasileiros: o território das produções culturais populares internas estaria sendo minado, “tomado de assalto e dominado pela cultura da imagem industrializada norte-americana”. Denuncia nos textos a proliferação de imagens eletrônicas, assunto em discussão nos meios intelectuais ditos pós-modernos. Porém, como é uma discussão que deve ser ruminada, dado que a questão doutrinária está longe de ser resolvida, Santiago propõe a busca, na própria sociedade dita de massa, o aprimoramento da produção de sentido dos elementos culturais – até porque, segundo o autor, “a produção de sentido deixa de ser feita apenas por grupos restritos e inegavelmente mais sofisticados”.

Seguindo o formato de desenvolvimento crescente de construção do pensamento, ao introduzir os quesitos primordiais para o entendimento do assunto proposto, Santiago reúne nos ensaios *A democratização no Brasil (1979 – 1981)*, *A crítica literária no jornal*, e em *o Leitor e cidadania*, os elementos que possibilitam o diálogo entre os meios de comunicação de massa e a formação do cidadão em uma América Latina que se pretende globalizada e inserida na era da informação. Faz uma leitura crítica do poder mercadológico das produções culturais contemporâneas em detrimento das produções literárias. Ao mesmo tempo, ressalta o aspecto positivo na “invenção pelos jornais do suplemento literário”, que cria um espaço para a crítica literária brasileira e dá possibilidade de diálogo em um espaço de alcance nacional.

Finalmente, nos últimos textos selecionados para a coletânea, *O homossexual astucioso*, *Cadê Zazá?*, *A ameaça do lobisomem*, e em *a Aula inaugural de Clarice Lispector*, o autor reflete sobre o sujeito contemporâneo que é construído pelas “técnicas da vida”; sujeito constituído por si só, ou seja, pelo próprio sujeito, ou como diria Michel Foucault – citado por

Santiago no primeiro texto apontado – constituído por um processo de subjetivação. Nos textos, o autor propõe uma reflexão sobre o lugar do sujeito contemporâneo na cultura, ou culturas, e como essa cultura é ressignificada. Valoriza as questões identitárias locais e a importância dos microrrelatos transformados em objetos da literatura, ressaltado pelas palavras de Lispector: “(...) o que espanta (...) não é o ser propriamente, mas a latência do vir-a-ser em ação, os sinais e a prefiguração do ser futuro”.

Quando finalizamos a leitura, ficamos dispostos a penetrar com mais densidade no tema. Permite-nos refletir sobre a magia, sobre a sedução, sobre o poder da literatura brasileira em nos forjar cidadãos repletos de características próprias e de criatividade. Só nos resta celebrar com Santiago: “Invoco o prato alimentício, onde seu corpo, depois de sacrificado, desplumado e despedaçado, é refogado no próprio sangue, Invoco seu canto liberto e agônico, E digo: Ave, palavra!”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

* **Ana Rosa Lattanzi** é mestranda em Comunicação Social e especialista em Sociologia Urbana pela UERJ. Associada ao grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade - CAC, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UERJ.